

Política de fomento ao cinema: a questão do estímulo à regionalização da produção de filmes no Brasil

Política de promoción cinematográfica: la cuestión de estimular la regionalización de la producción cinematográfica en Brasil

Film promotion policy: the issue of stimulating the regionalization of film production in Brazil

Fernando Gimenez

Doutor em Administração pela University of Manchester, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e do Departamento de Administração Geral e Aplicada da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Contato: gimenez@ufpr.br

Submetido: 05.06.2020 - Aprovado: 03.06.2021



Creative Commons



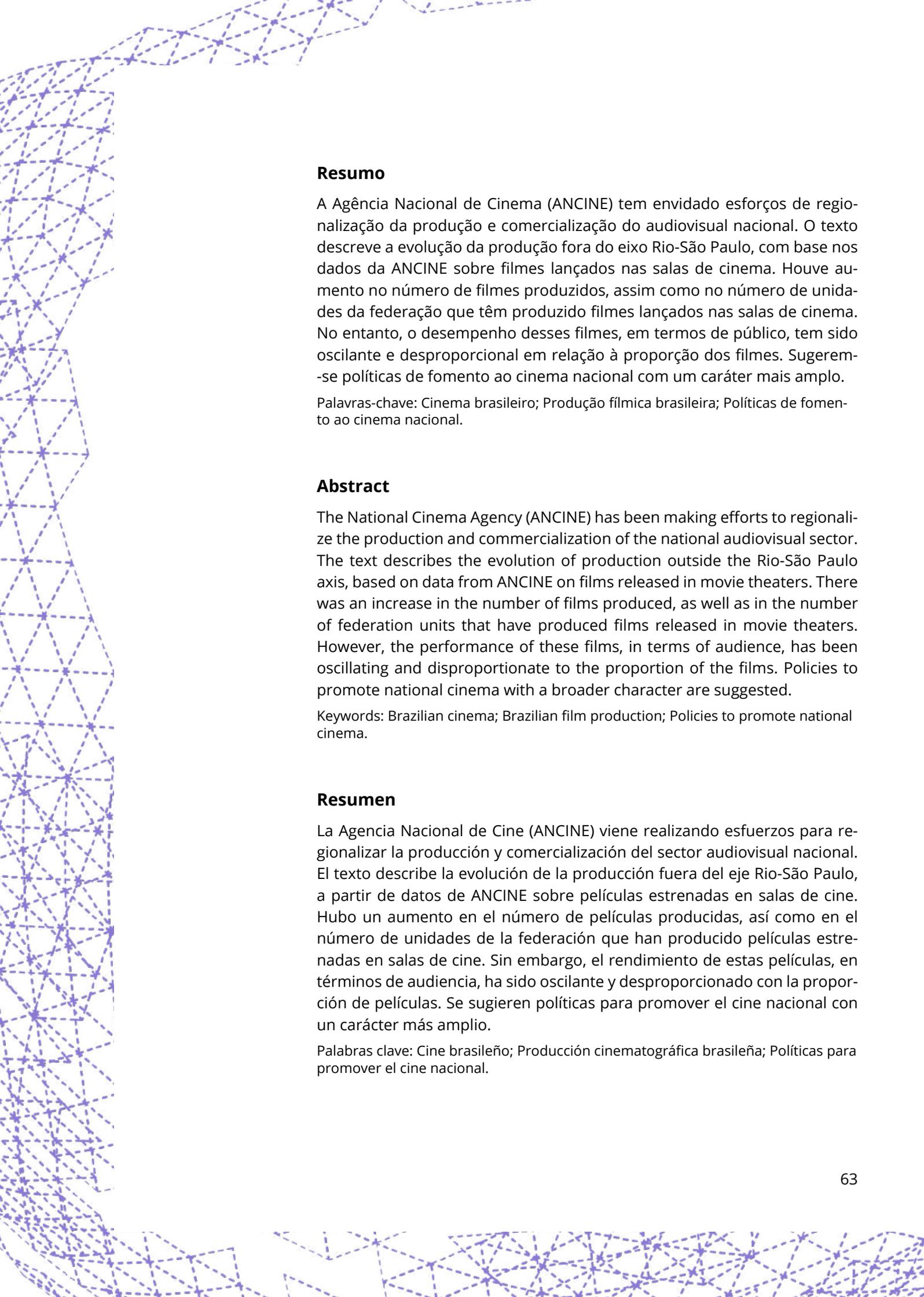
Atribuição



Não Comercial



Compartilhe Igual



Resumo

A Agência Nacional de Cinema (ANCINE) tem envidado esforços de regionalização da produção e comercialização do audiovisual nacional. O texto descreve a evolução da produção fora do eixo Rio-São Paulo, com base nos dados da ANCINE sobre filmes lançados nas salas de cinema. Houve aumento no número de filmes produzidos, assim como no número de unidades da federação que têm produzido filmes lançados nas salas de cinema. No entanto, o desempenho desses filmes, em termos de público, tem sido oscilante e desproporcional em relação à proporção dos filmes. Sugerem-se políticas de fomento ao cinema nacional com um caráter mais amplo.

Palavras-chave: Cinema brasileiro; Produção fílmica brasileira; Políticas de fomento ao cinema nacional.

Abstract

The National Cinema Agency (ANCINE) has been making efforts to regionalize the production and commercialization of the national audiovisual sector. The text describes the evolution of production outside the Rio-São Paulo axis, based on data from ANCINE on films released in movie theaters. There was an increase in the number of films produced, as well as in the number of federation units that have produced films released in movie theaters. However, the performance of these films, in terms of audience, has been oscillating and disproportionate to the proportion of the films. Policies to promote national cinema with a broader character are suggested.

Keywords: Brazilian cinema; Brazilian film production; Policies to promote national cinema.

Resumen

La Agencia Nacional de Cine (ANCINE) viene realizando esfuerzos para regionalizar la producción y comercialización del sector audiovisual nacional. El texto describe la evolución de la producción fuera del eje Rio-São Paulo, a partir de datos de ANCINE sobre películas estrenadas en salas de cine. Hubo un aumento en el número de películas producidas, así como en el número de unidades de la federación que han producido películas estrenadas en salas de cine. Sin embargo, el rendimiento de estas películas, en términos de audiencia, ha sido oscilante y desproporcionado con la proporción de películas. Se sugieren políticas para promover el cine nacional con un carácter más amplio.

Palabras clave: Cine brasileño; Producción cinematográfica brasileña; Políticas para promover el cine nacional.

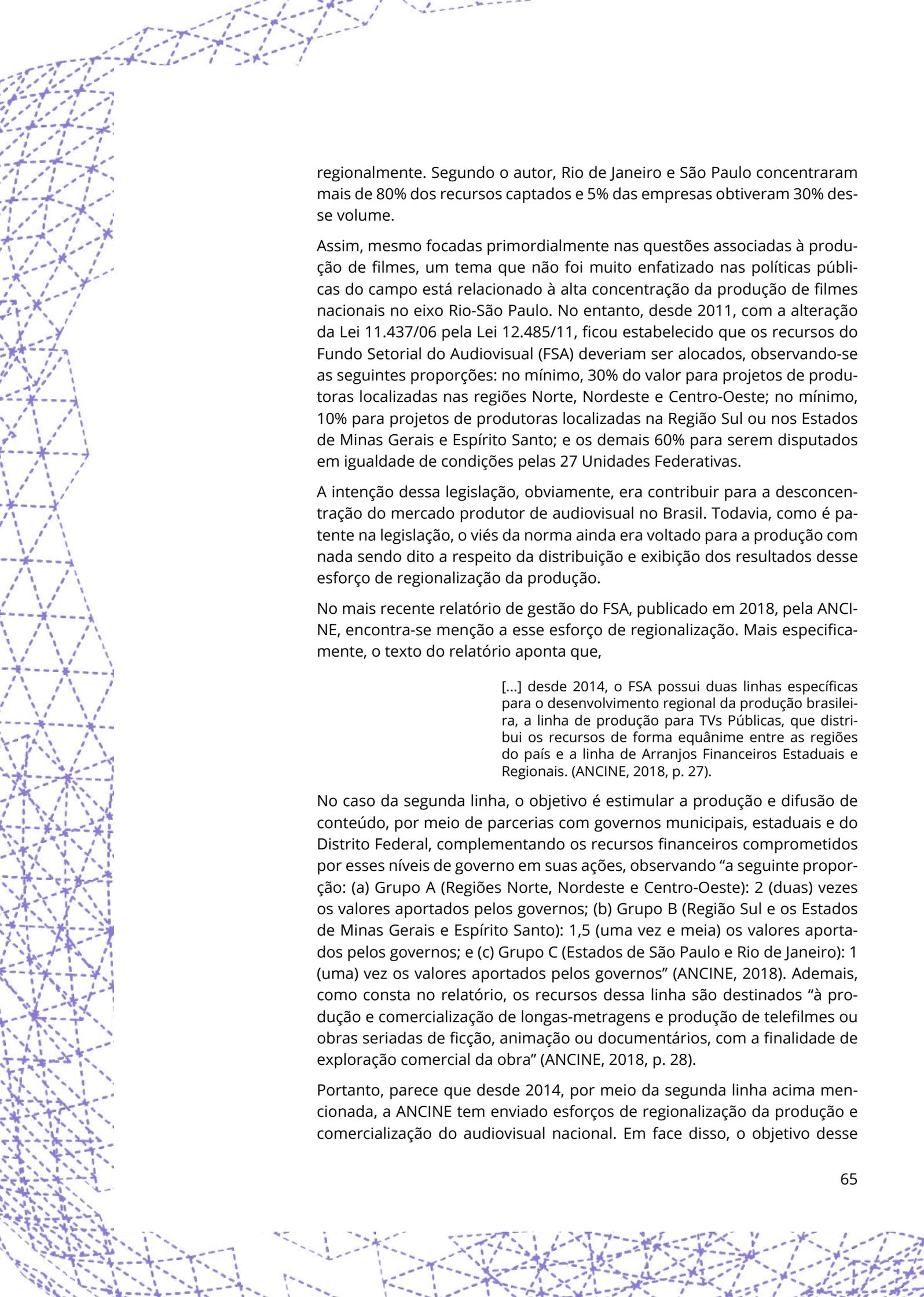
Introdução

O Brasil tem uma longa história de políticas públicas dirigidas ao campo do cinema. Uma descrição de objetivos e linhas de ação dos vários órgãos de fomento à atividade cinematográfica criados no Brasil encontra-se em Barbosa (2013). O texto apresenta informações sobre: o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) criado em 1946; o Instituto Nacional de Cinema (INC) de 1966; a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme S.A.) que surgiu em 1969; e a Agência Nacional de Cinema (ANCINE) que foi estabelecida em 2001. Ao longo desses anos, o âmbito de atuação do Estado na política cinematográfica se transformou bastante. No começo teve um forte viés educativo, para em seguida visualizar o cinema como atividade industrial, apoiando principalmente a produção. A partir da criação da ANCINE, segundo o autor, foi adotado um escopo mais amplo com ações voltadas para a produção, distribuição e exibição da produção cinematográfica brasileira.

Durante muitos anos, o foco principal dessa política ficou centrado na questão do estímulo à produção cinematográfica, deixando pouco espaço para questões de distribuição e exibição. A relação entre a estrutura de mercado e as políticas públicas do Cinema no Brasil entre 1995 e 2012 foi investigada por Michel e Avellar (2014). Ao explorarem os índices de concentração da produção, distribuição e exibição dos filmes de origem nacional no mercado, os autores identificaram uma forte concentração nos elos da cadeia produtiva e uma forte relação entre as políticas públicas de apoio e as atividades de produção.

Borges (2015) fez uma descrição do comportamento da produção de filmes no Brasil entre 1995 e 2014, apontando dados quantitativos de filmes produzidos, público atingido e número de empresas produtoras. Aliando esses dados com o incremento no fomento direto e indireto à produção cinematográfica, a autora argumenta que apesar do crescente número de filmes que chegaram às salas de cinema no período analisado, o *market share* da produção brasileira em termos de público não tem conseguido abalar a predominância dos filmes norte-americanos. Para a autora, "a produção cinematográfica brasileira ainda é extremamente dependente dos recursos financeiros subsidiados pelo Estado... e as empresas que se mantêm em funcionamento não têm um ritmo estável de atividade" (BORGES, 2015, p. 198). Além disso, a autora reforça que o sistema de subsídios implantado no Brasil não foi capaz de alterar as disparidades regionais e empresariais do setor que são refletidos em alta concentração geográfica da produção de cinema, no Rio de Janeiro e São Paulo, bem como domínio de poucas empresas produtoras na captação de recursos e sua consequente dominação do mercado brasileiro.

De igual forma, Martins (2011), ao analisar os 30 filmes de maior captação de recursos e renda de bilheteria entre 2004 e 2009, constatou excessiva concentração de recursos em um pequeno número de projetos, bem como



regionalmente. Segundo o autor, Rio de Janeiro e São Paulo concentraram mais de 80% dos recursos captados e 5% das empresas obtiveram 30% desse volume.

Assim, mesmo focadas primordialmente nas questões associadas à produção de filmes, um tema que não foi muito enfatizado nas políticas públicas do campo está relacionado à alta concentração da produção de filmes nacionais no eixo Rio-São Paulo. No entanto, desde 2011, com a alteração da Lei 11.437/06 pela Lei 12.485/11, ficou estabelecido que os recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) deveriam ser alocados, observando-se as seguintes proporções: no mínimo, 30% do valor para projetos de produtoras localizadas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste; no mínimo, 10% para projetos de produtoras localizadas na Região Sul ou nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo; e os demais 60% para serem disputados em igualdade de condições pelas 27 Unidades Federativas.

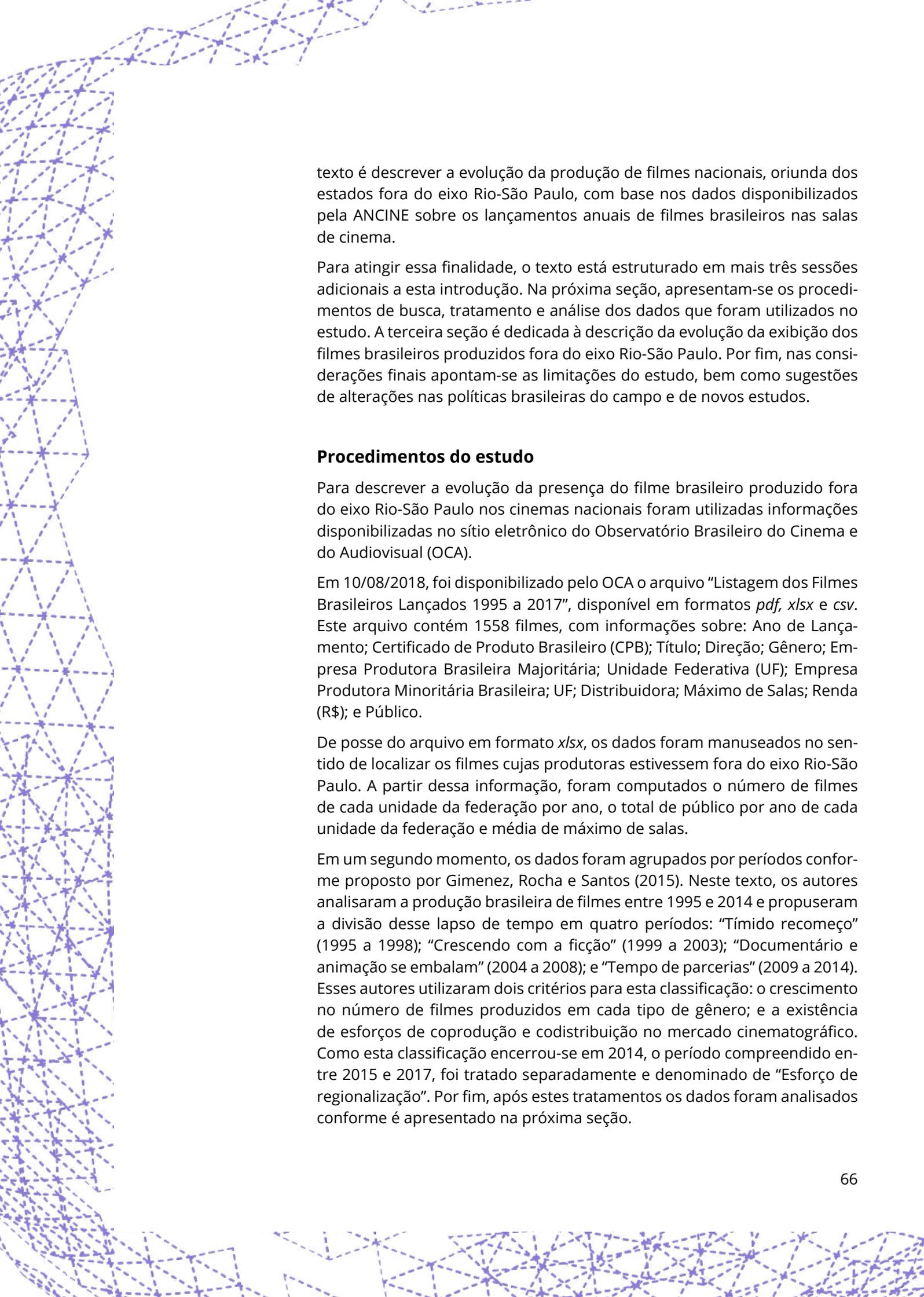
A intenção dessa legislação, obviamente, era contribuir para a desconcentração do mercado produtor de audiovisual no Brasil. Todavia, como é patente na legislação, o viés da norma ainda era voltado para a produção com nada sendo dito a respeito da distribuição e exibição dos resultados desse esforço de regionalização da produção.

No mais recente relatório de gestão do FSA, publicado em 2018, pela ANCINE, encontra-se menção a esse esforço de regionalização. Mais especificamente, o texto do relatório aponta que,

[...] desde 2014, o FSA possui duas linhas específicas para o desenvolvimento regional da produção brasileira, a linha de produção para TVs Públicas, que distribui os recursos de forma equânime entre as regiões do país e a linha de Arranjos Financeiros Estaduais e Regionais. (ANCINE, 2018, p. 27).

No caso da segunda linha, o objetivo é estimular a produção e difusão de conteúdo, por meio de parcerias com governos municipais, estaduais e do Distrito Federal, complementando os recursos financeiros comprometidos por esses níveis de governo em suas ações, observando “a seguinte proporção: (a) Grupo A (Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste): 2 (duas) vezes os valores aportados pelos governos; (b) Grupo B (Região Sul e os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo): 1,5 (uma vez e meia) os valores aportados pelos governos; e (c) Grupo C (Estados de São Paulo e Rio de Janeiro): 1 (uma) vez os valores aportados pelos governos” (ANCINE, 2018). Ademais, como consta no relatório, os recursos dessa linha são destinados “à produção e comercialização de longas-metragens e produção de telefilmes ou obras seriadas de ficção, animação ou documentários, com a finalidade de exploração comercial da obra” (ANCINE, 2018, p. 28).

Portanto, parece que desde 2014, por meio da segunda linha acima mencionada, a ANCINE tem enviado esforços de regionalização da produção e comercialização do audiovisual nacional. Em face disso, o objetivo desse



texto é descrever a evolução da produção de filmes nacionais, oriunda dos estados fora do eixo Rio-São Paulo, com base nos dados disponibilizados pela ANCINE sobre os lançamentos anuais de filmes brasileiros nas salas de cinema.

Para atingir essa finalidade, o texto está estruturado em mais três sessões adicionais a esta introdução. Na próxima seção, apresentam-se os procedimentos de busca, tratamento e análise dos dados que foram utilizados no estudo. A terceira seção é dedicada à descrição da evolução da exibição dos filmes brasileiros produzidos fora do eixo Rio-São Paulo. Por fim, nas considerações finais apontam-se as limitações do estudo, bem como sugestões de alterações nas políticas brasileiras do campo e de novos estudos.

Procedimentos do estudo

Para descrever a evolução da presença do filme brasileiro produzido fora do eixo Rio-São Paulo nos cinemas nacionais foram utilizadas informações disponibilizadas no sítio eletrônico do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA).

Em 10/08/2018, foi disponibilizado pelo OCA o arquivo “Listagem dos Filmes Brasileiros Lançados 1995 a 2017”, disponível em formatos *pdf*, *xlsx* e *csv*. Este arquivo contém 1558 filmes, com informações sobre: Ano de Lançamento; Certificado de Produto Brasileiro (CPB); Título; Direção; Gênero; Empresa Produtora Brasileira Majoritária; Unidade Federativa (UF); Empresa Produtora Minoritária Brasileira; UF; Distribuidora; Máximo de Salas; Renda (R\$); e Público.

De posse do arquivo em formato *xlsx*, os dados foram manuseados no sentido de localizar os filmes cujas produtoras estivessem fora do eixo Rio-São Paulo. A partir dessa informação, foram computados o número de filmes de cada unidade da federação por ano, o total de público por ano de cada unidade da federação e média de máximo de salas.

Em um segundo momento, os dados foram agrupados por períodos conforme proposto por Gimenez, Rocha e Santos (2015). Neste texto, os autores analisaram a produção brasileira de filmes entre 1995 e 2014 e propuseram a divisão desse lapso de tempo em quatro períodos: “Tímido recomeço” (1995 a 1998); “Crescendo com a ficção” (1999 a 2003); “Documentário e animação se embalam” (2004 a 2008); e “Tempo de parcerias” (2009 a 2014). Esses autores utilizaram dois critérios para esta classificação: o crescimento no número de filmes produzidos em cada tipo de gênero; e a existência de esforços de coprodução e codistribuição no mercado cinematográfico. Como esta classificação encerrou-se em 2014, o período compreendido entre 2015 e 2017, foi tratado separadamente e denominado de “Esforço de regionalização”. Por fim, após estes tratamentos os dados foram analisados conforme é apresentado na próxima seção.

Lançamento de filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo

Entre 1995 e 2017, foram lançados nas salas de cinemas brasileiros, 291 filmes cuja produção ocorreu, de forma isolada ou em coprodução, fora do eixo Rio-São Paulo. Nesse período houve um crescimento do número de unidades da federação e de filmes lançados a cada ano. Em 1995, foi lançado apenas um filme cuja produção se deu no Distrito Federal. Já em 2017, foram 38 filmes produzidos em 12 estados. Em termos de Brasil, entre 1995 e 2017, foram lançados 1.558 filmes. Assim, os filmes que foram produzidos fora do eixo Rio-São Paulo e exibidos nos cinemas nacionais representaram pouco menos do que um quinto de todos os lançamentos nacionais (18,68%). Em outras palavras, a produção do eixo Rio-São Paulo representou 81,32% de todos os filmes brasileiros lançados entre 1995 e 2017.

Na tabela 1. estão evidenciados os números de filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo em cada ano, bem como o número e a sigla dos estados em que estavam sediadas as produtoras desses filmes.

Tabela 1 – Número de filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo e unidades da federação sede das produtoras.

Fonte: elaboração do autor com informações a partir da OCA, 2019.

Ano	Filmes	Estados		Ano	Filmes	Estados	
1995	1	1	DF	2007	13	7	BA; CE; MA; MG; PE; PR; RS
1996	2	2	CE; RS	2008	12	7	CE; DF; MG; PA; PE; PR; RS
1997	5	3	ES; RS; SC	2009	12	7	BA; CE; DF; PE; PR; RS; SC
1998	2	2	MG; SC	2010	16	8	CE; DF; MG; MT; PE; PR; RS; SC
1999	1	1	DF	2011	21	7	BA; CE; DF; MG; PE; RS; SC
2000	4	3	CE; PR; RS	2012	18	7	BA; CE; DF; MG; PE; PR; RS
2001	3	2	DF; RS	2013	35	12	AM; BA; CE; DF; ES; GO; MA; MG; PE; PR; RS; SC
2002	3	3	CE; MG; RS	2014	25	8	BA; DF; ES; MG; PE; PR; RS; SE
2003	0	0		2015	25	9	BA; CE; DF; MG; PB; PE; PR; RS; SC
2004	5	4	BA; PE; RS; SC	2016	30	11	BA; CE; DF; ES; MA; MG; MT; PE; PR; RS; SC
2005	9	4	DF; MG; PE; RS	2017	38	12	AM; BA; CE; DF; GO; MA; MG; MS; PE; PR; RS; SC
2006	11	7	BA; DF; GO; MG; MT; RS; SC				

No conjunto dos 291 filmes, 17 (5,50%) foram coproduzidos com empresas do eixo Rio-São Paulo, sendo 5 com produtoras paulistas, 9 com empresas cariocas e 3 com coproduções múltiplas envolvendo empresas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Como pode-se verificar na tabela 1, além de 2017 que representou o ano de maior número de filmes lançados e maior número de estados, 2013 também teve filmes produzidos em 12 estados brasileiros fora do eixo Rio-São Paulo, ficando em segundo lugar no número de filmes lançados (35).

Na tabela 2, estão demonstrados os resultados para cada estado que teve filmes lançados neste período, bem como o melhor e pior desempenho em termos de público. Além disso, a tabela ainda mostra o número máximo e mínimo de salas que cada estado conseguiu para seus filmes.

Tabela 2 – Número de filmes por estado, público e salas de cinema utilizadas.

Fonte: elaboração do autor com informações a partir da ANCINE, 2018.

Unidade da Federação	Filmes	%	Público		Salas	
			Máximo	Mínimo	Máximo	Mínimo
Amazonas	2	0,69	1.665	1.174	17	3
Bahia	24	8,25	74.857	178	29	1
Ceará	25	8,59	610.741	283	441	1
Distrito Federal	33	11,34	114.483	169	274	1
Goiás	3	1,03	5.676	1.649	28	6
Espírito Santo	4	1,37	5.877	473	3	3
Maranhão	5	1,72	69.753	373	17	6
Minas Gerais	37	12,71	72.222	238	65	1
Mato Grosso	3	1,03	2.321	125	15	1
Mato Grosso do Sul	1	0,34	139	139	5	5
Pará	1	0,34	270	270	2	2
Paraíba	2	0,69	294	294	2	2
Paraná	24	8,25	38.755	72	68	1
Pernambuco	43	14,78	356.690	13	140	1
Rio Grande do Sul	71	24,40	591.120	93	121	1
Santa Catarina	15	5,15	163.029	318	127	1
Sergipe	1	0,34	7.517	7.517	4	4
Total	291	100,00	610.741	13	441	1

Observação: A soma dos percentuais de filmes ultrapassa 100 porque houve filmes que tiveram produtoras em mais de um estado.

O Rio Grande do Sul foi o estado com o maior número de filmes exibidos no período (71), equivalente a 24,40%. Em segundo lugar está Pernambuco com 43 filmes (14,78%), seguido por Minas Gerais com 37 filmes e Distrito Federal com 33. O Ceará foi o estado que produziu o filme que obteve maior número de espectadores, bem como o maior número de salas para exibição de um de seus filmes.

Embora, aparentemente, a julgar pelos resultados dos últimos três anos, tenha havido um crescimento no número de estados e filmes que chegaram às salas de cinema nacionais, será que este desempenho está sendo satisfatório quando se considera o número de espectadores que têm frequentado as salas de cinema que exibem esta produção?

A tabela 3 traz a distribuição desse conjunto de filmes por faixas de público. Apenas três filmes tiveram público superior a 500 mil espectadores. 69,08% dos filmes tiveram um público menor do que 10 mil espectadores. Entre 10 mil e 50 mil espectadores foram classificados 20,27% dos filmes. Por fim as faixas de 50 mil a 100 mil espectadores e entre 100 mil e 500 mil espectadores apresentaram igual número de filmes, 9 filmes cada, equivalentes a 3,09% do conjunto de filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo.

Tabela 3 – Faixa de Público e número de filmes.

Fonte: elaboração do autor com informações a partir da ANCINE, 2018.

Faixa de Público	Filmes	%
Acima de 500 mil	3	1,03
Entre 100 mil e 500 mil	9	3,09
Entre 50 mil e 100 mil	9	3,09
Entre 10 mil e 50 mil	59	20,27
Entre 1000 e 10 mil	128	43,99
Abaixo de 1000	73	25,09
Dados não disponíveis	10	3,44
Total	291	100,00

A título de comparação, há 113 filmes exibidos entre 1995 e 2017, cujas produtoras estavam sediadas no Rio de Janeiro e/ou São Paulo, que tiveram público superior ao filme de maior número de espectadores produzido fora desse eixo. Este filme foi “O Homem que Copiava”, uma produção gaúcha de 2003, dirigida por Jorge Furtado e produzida pela Casa de Cinema de Porto Alegre. Este filme teve um público de 664.651 espectadores, enquanto que a média de público desses 113 filmes foi de 2.121.234 espectadores, pouco mais de três vezes o público do filme de Jorge Furtado.

O segundo filme de maior público produzido fora do eixo Rio-São Paulo foi “Shaolin, O Rei do Sertão”, produção cearense de 2016, cuja direção coube a Halder Gomes, sob produção da ATC Entretenimentos. Por fim, o terceiro filme que ultrapassou a marca de 500 mil espectadores foi também uma produção da Casa de Cinema de Porto Alegre de 2004, dirigida pelo mesmo Jorge Furtado, intitulado “Meu Tio Matou um Cara”. O Apêndice A traz uma lista com os dados detalhados dos 50 filmes de maior bilheteria desse conjunto.

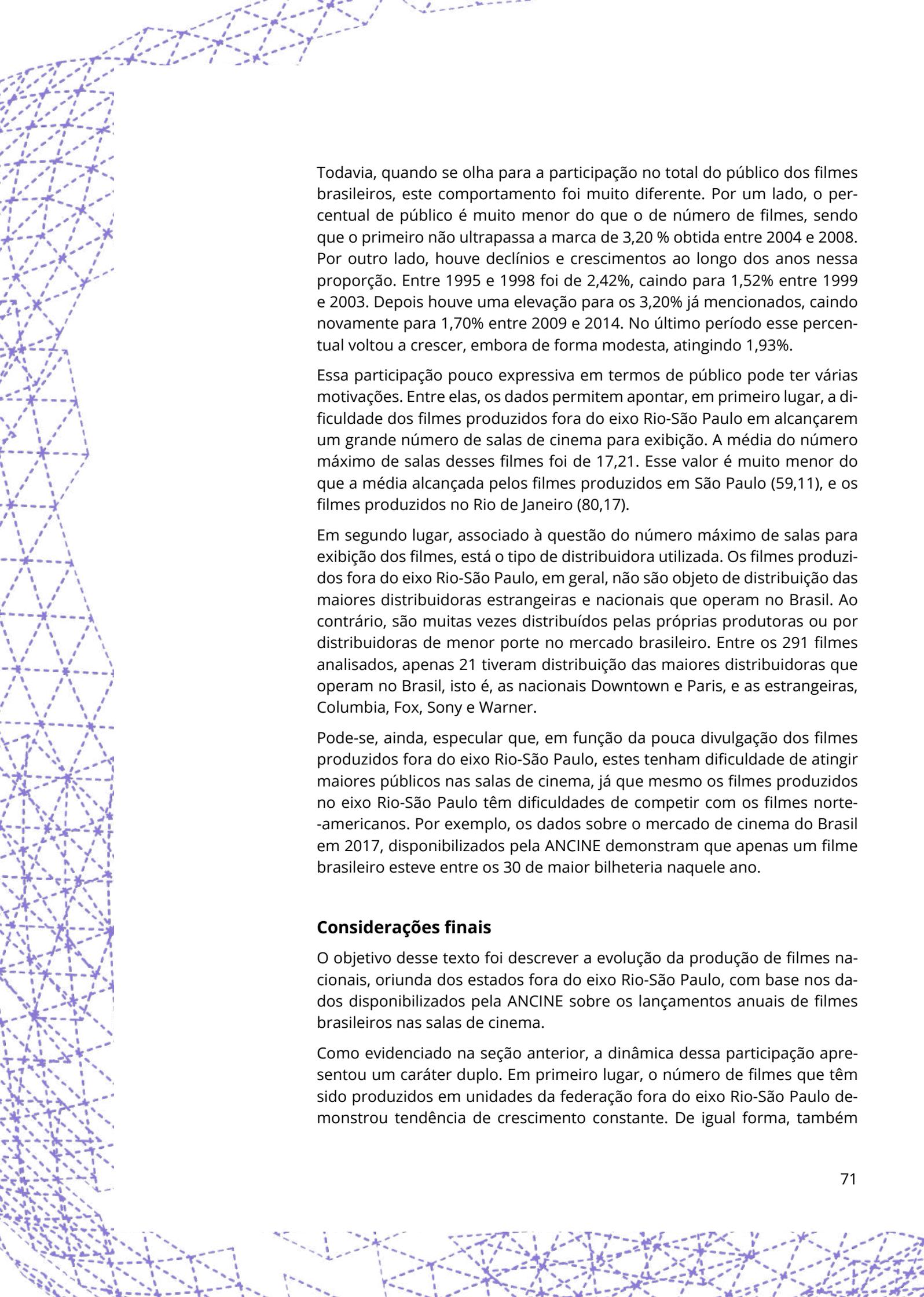
Para finalizar esta descrição do desempenho dos filmes que foram produzidos fora do eixo Rio-São Paulo, a tabela 4 apresenta a evolução desse conjunto de filmes dividida por períodos conforme classificação exposta no item anterior.

Os dados apresentados na tabela 4 evidenciam que ao longo dos cinco períodos identificados houve um crescimento quase que constante no percentual dos filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo. Depois de uma queda de 12,69% para 8,93% entre o primeiro e segundo período, houve crescimento para 16,11% no terceiro período e 21,54% no quarto período. Entre 2015 e 2017, período subsequente ao esforço maior de regionalização na política de fomento da ANCINE, com uso de recursos do FSA, observou-se a manutenção da tendência de crescimento da participação percentual dos filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo no conjunto de lançamentos anuais, chegando a 21,67%.

Tabela 4 – Evolução do desempenho dos filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo.

Fonte: elaboração do autor com informações a partir da ANCINE, 2018.

Período	Ano	Estados	% Filmes	% Público
Tímido Recomeço	1995	1	7,14	0,40
	1996	2	11,12	2,54
	1997	4	23,81	4,92
	1998	2	8,70	1,83
	Média		12,69	2,42
Crescendo com a Ficção	1999	1	3,57	0,38
	2000	3	17,39	2,01
	2001	2	10,00	0,78
	2002	3	10,34	1,45
	2003	1	3,33	2,98
	Média		8,93	1,52
Documentário e Animação se Embalam	2004	4	12,24	4,04
	2005	4	19,57	0,71
	2006	7	16,90	1,47
	2007	7	16,67	3,44
	2008	7	15,19	6,33
	Média		16,11	3,20
Tempo de Parcerias	2009	7	14,29	0,10
	2010	8	21,62	1,49
	2011	7	21,00	3,94
	2012	7	21,69	0,40
	2013	12	28,68	3,40
	2014	8	21,93	0,85
	Média		21,54	1,70
Esforço de Regionalização	2015	9	18,80	0,69
	2016	11	21,83	3,72
	2017	12	24,38	1,39
	Média		21,67	1,93



Todavia, quando se olha para a participação no total do público dos filmes brasileiros, este comportamento foi muito diferente. Por um lado, o percentual de público é muito menor do que o de número de filmes, sendo que o primeiro não ultrapassa a marca de 3,20 % obtida entre 2004 e 2008. Por outro lado, houve declínios e crescimentos ao longo dos anos nessa proporção. Entre 1995 e 1998 foi de 2,42%, caindo para 1,52% entre 1999 e 2003. Depois houve uma elevação para os 3,20% já mencionados, caindo novamente para 1,70% entre 2009 e 2014. No último período esse percentual voltou a crescer, embora de forma modesta, atingindo 1,93%.

Essa participação pouco expressiva em termos de público pode ter várias motivações. Entre elas, os dados permitem apontar, em primeiro lugar, a dificuldade dos filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo em alcançarem um grande número de salas de cinema para exibição. A média do número máximo de salas desses filmes foi de 17,21. Esse valor é muito menor do que a média alcançada pelos filmes produzidos em São Paulo (59,11), e os filmes produzidos no Rio de Janeiro (80,17).

Em segundo lugar, associado à questão do número máximo de salas para exibição dos filmes, está o tipo de distribuidora utilizada. Os filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo, em geral, não são objeto de distribuição das maiores distribuidoras estrangeiras e nacionais que operam no Brasil. Ao contrário, são muitas vezes distribuídos pelas próprias produtoras ou por distribuidoras de menor porte no mercado brasileiro. Entre os 291 filmes analisados, apenas 21 tiveram distribuição das maiores distribuidoras que operam no Brasil, isto é, as nacionais Downtown e Paris, e as estrangeiras, Columbia, Fox, Sony e Warner.

Pode-se, ainda, especular que, em função da pouca divulgação dos filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo, estes tenham dificuldade de atingir maiores públicos nas salas de cinema, já que mesmo os filmes produzidos no eixo Rio-São Paulo têm dificuldades de competir com os filmes norte-americanos. Por exemplo, os dados sobre o mercado de cinema do Brasil em 2017, disponibilizados pela ANCINE demonstram que apenas um filme brasileiro esteve entre os 30 de maior bilheteria naquele ano.

Considerações finais

O objetivo desse texto foi descrever a evolução da produção de filmes nacionais, oriunda dos estados fora do eixo Rio-São Paulo, com base nos dados disponibilizados pela ANCINE sobre os lançamentos anuais de filmes brasileiros nas salas de cinema.

Como evidenciado na seção anterior, a dinâmica dessa participação apresentou um caráter duplo. Em primeiro lugar, o número de filmes que têm sido produzidos em unidades da federação fora do eixo Rio-São Paulo demonstrou tendência de crescimento constante. De igual forma, também



houve crescimento no número de unidades da federação que têm produzido filmes que são lançados no mercado exibidor de salas de cinema. Por outro lado, o desempenho desses filmes, em termos de público, teve um comportamento oscilante, às vezes aumentando e, às vezes, decrescendo, ao longo dos últimos 23 anos. Além disso, a participação desses filmes no público total dos lançamentos anuais de filmes brasileiros é muito menor do que a proporção do número de filmes realizados fora do eixo Rio-São Paulo sobre o total de filmes lançados anualmente no Brasil. Este resultado é um indicador da dificuldade de acesso ao público espectador do cinema brasileiro pelos filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo.

Nesse sentido, reforça-se a necessidade de que as políticas públicas de fomento ao cinema nacional adotem um caráter mais amplo. Ou seja, é necessário que sejam formuladas políticas de fomento que ampliem as possibilidades de distribuição e exibição dos filmes brasileiros produzidos fora do eixo Rio-São Paulo. Uma possível sugestão nesse sentido, seria um estímulo mais acentuado à realização de esforços de coprodução que envolvam produtoras sediadas no eixo Rio-São Paulo com as que estão nas outras unidades da federação. Outro mecanismo de estímulo que pode ser desenhado é a criação de mecanismos que estimulem as grandes distribuidoras nacionais a se envolverem na distribuição de filmes produzidos fora do eixo Rio-São Paulo, bem como estímulos à realização de parcerias de codistribuição entre empresas de diferentes portes do mercado.

Por fim, deve-se ressaltar algumas limitações desse estudo. Em primeiro lugar, como foram utilizados apenas dados secundários sobre a exibição no cinema, deixaram de ser analisados dados sobre a exibição desses filmes em outras janelas do mercado, tais como, televisão aberta, televisão paga, dvds, etc. Em segundo lugar, há a necessidade de investigar a percepção dos produtores e cineastas que estão fora do eixo Rio-São Paulo sobre dificuldades que enfrentam na sua atuação nesse mercado. Assim, estudos que façam a abordagem desses atores, bem como analisem outros tipos de comercialização da produção cinematográfica devem ser realizados.

Referências bibliográficas

ANCINE – Agência Nacional de Cinema. **Relatório Anual de Gestão do Fundo Setorial do Audiovisual – FSA: Exercício de 2017**. Rio de Janeiro: ANCINE, 2018.

BARBOSA, W. G. C. A criação da Ancine e as instituições de cinema no Brasil a partir das legislações que as criaram. **Dia-Logos**, Rio de Janeiro, n.7, p. 212-224, 2013.

BORGES, D. dos S. A produção cinematográfica brasileira (1995-2014) e o atual modelo de políticas públicas para o cinema nacional. **Revista Eptic**, São Cristóvão, v. 17, n. 3, p. 178-200, 2015.

GIMENEZ, F. A. P.; ROCHA, D. T. da; SANTOS, F. L. X. dos Vinte anos da retomada: dinâmica da concentração da produção e distribuição do filme brasileiro no mercado nacional. **Revista Eptic**, São Cristóvão, v. 17, n. 3, p. 201-225, 2015.

MARTINS, V. A. P. Análise da qualidade e eficiência da aplicação da renúncia de receita tributária direcionada a uma política setorial: o caso do setor cinematográfico brasileiro. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 1, n. 4, p. 125-141, 2011.

MICHEL, R. C.; AVELLAR, A. P. Indústria cinematográfica brasileira de 1995 a 2012: estrutura de mercado e políticas públicas. **Nova Economia**, Minas Gerais, v. 24, n. 3, p. 491-516, 2014.

APÊNDICE A - Lista com os dados detalhados dos 50 filmes brasileiros de maior bilheteria.

Ano	Título	Direção	Gênero	UF	Máximo de Salas	Público
2003	O homem que copiava	Jorge Furtado	Ficção	RS	70	664.651
2016	O Shaolin do Sertão	Halder Gomes	Ficção	CE	187	610.741
2004	Meu Tio Matou um Cara	Jorge Furtado	Ficção	RS	121	591.120
2011	As Mães de Chico Xavier	Glauber Filho/ Halder Gomes	Ficção	CE	441	517.330
2013	Cine Holliúdy	Halder Gomes	Ficção	CE	74	487.479
2008	Bezerra de Menezes - o Diário de um Espírito	Glauber Filho/ Joe Pimentel	Ficção	CE	49	443.143
2016	Aquarius	Kleber Mendonça Filho	Ficção	PE	140	356.690
2007	Saneamento Básico, o Filme	Jorge Furtado	Ficção	RS	58	190.656
2013	Minhocas	Arthur Nunes/ Paolo Conti	Animação	SC	127	163.029
1997	Anahy de Las Misiones	Sérgio Silva	Ficção	RS	15	131.000
2010	Federal	Erik de Castro	Ficção	DF	63	114.483
2005	Cinema, Aspirinas e Urubus	Marcelo Gomes	Ficção	PE	17	105.526
2016	Uma Loucura de Mulher	Marcus Ligocki Júnior	Ficção	DF	274	103.351
2013	O Som ao Redor	Kleber Mendonça Filho	Ficção	PE	24	95.515

2000	Tolerância	Carlos Gerbase	Ficção	RS	90	84.620
2011	Bahêa Minha Vida	Marcio Cavalcante	Documentário	BA	15	74.857
2008	Pequenas Histórias	Helvécio Ratton	Ficção	MG	36	72.222
2016	Muleque Té Doido 2: A Lenda de Dom Sebastião	Erlanes Duarte	Ficção	MA	17	69.753
2002	Houve uma Vez Dois Verões	Jorge Furtado	Ficção	RS	11	68.487
2007	Batismo de Sangue	Helvécio Ratton	Ficção	MG	24	56.535
2006	Wood & Stock: Sexo, Orégano e Rock	Otto Guerra	Animação	RS	15	55.231
2010	Amor por Acaso	Marcio Garcia	Ficção	MG	65	52.359
2007	Baixio das Bestas	Claudio Assis	Ficção	PE	10	48.844
2010	Em teu Nome	Paulo Nascimento	Ficção	RS	16	47.413
1998	Amor e Cia	Helvécio Ratton	Ficção	MG	24	47.179
2013	Tatuagem	Hilton Lacerda	Ficção	PE	22	46.618
2010	A Casa Verde	Paulo Nascimento	Ficção	RS	12	42.954
2001	Netto Perde Sua Alma	Beto Souza/ Tabajara Ruas	Ficção	RS/ RS	22	41.479
2000	Oriundi	Ricardo Bravo	Ficção	PR	68	38.755
2010	Segurança Nacional	Roberto Carminati	Ficção	SC	37	37.410
2011	Rock Brasília - Era de Ouro	Vladimir Carvalho	Documentário	DF	60	34.886
2002	Uma Onda no Ar	Helvécio Ratton	Ficção	MG	11	34.837
2016	Boi neon	Gabriel Mascaro	Ficção	PE	37	34.761
1997	Lua de Outubro	Henrique de Freitas Lima	Ficção	RS	17	33.894
2010	Antes que o Mundo Acabe	Ana Luiza Azevedo	Ficção	RS	13	32.297
2017	Axé: Canto do Povo de Algum Lugar	Francisco Mascarenhas Kertesz	Documentário	BA	24	32.053
1998	Cinderela Bahiana	Conrado Sanchez	Ficção	SC	ND	32.000
2006	Acredite, Um espírito baixou em mim	Jorge Moreno	Ficção	MG	6	30.458

2015	O Dia do Galo	Cris Azzi/ Luiz Felipe Fernandes	Docu- mentário	MG	13	30.141
2013	O Renascimento do Parto - O filme	Eduardo Chauvet	Docu- mentário	DF	19	30.127
2010	Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo	Karim Aïnouz/ Marcelo Gomes	Ficção	PE	18	26.623
2006	Vinho de Rosas	Elza Cataldo	Ficção	MG	2	23.817
1999	No Coração dos Deuses	Geraldo Moraes	Ficção	DF	25	23.217
2014	O Menino no Espelho	Guilherme Fiúza Zenha	Ficção	RJ/ MG	13	22.864
2014	As Aventuras do Avião Vermelho	Frederico Pinto/Jose Maia	Animação	RS	91	21.696
2012	Era uma vez eu, Verônica	Marcelo Gomes	Ficção	PE	13	20.956
2011	Filhos de João, Admirável Mundo Novo Baiano	Henrique Dantas	Docu- mentário	BA	22	20.559
2012	Curitiba Zero Grau	Eloi Pires Ferreira	Ficção	PR	8	19.674
2017	Joaquim	Marcelo Gomes	Ficção	PE	35	19.635
2015	Branco Sai Preto Fica	Adirley Queirós	Ficção	DF	20	19.130
2005	Sal de Prata	Carlos Gerbase	Ficção	RS	41	17.289